

INTRODUÇÃO

Este livro reúne textos muito relevantes para os estudos de género, feministas e sobre as mulheres. Eles foram apresentados, na sua maioria, por pessoas convidadas ao **I Congresso Internacional de Estudos de Género** promovido pelo CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, do ISCSP da Universidade de Lisboa. O congresso, que marcou um momento importante para esta área científica no plano nacional e internacional, reunindo um número muito expressivo de participantes e dando lugar a intensos debates, será tema a desenvolver à frente. Para já esta nota inicial pretende ser um convite à leitura de um conjunto rico e diverso de abordagens.

O livro encontra-se estruturado em cinco partes. Na primeira, GÉNERO, DIREITOS HUMANOS E DESIGUALDADES, reúnem-se o texto de abertura do Congresso, bem como de dois *keynote speakers* do encontro. Anália Torres, Presidente do CIEG, desenvolve o tema do lugar dos Estudos de Género, feministas e sobre as mulheres no panorama científico nacional e enuncia oito razões que justificam a relevância desta área de estudos para a sociedade portuguesa contemporânea. Margaret Abraham, Presidente da ISA, International Sociological Association, aborda os desafios e oportunidades para “fazer a diferença” num mundo marcado pela violência interseccional e de género, relembrando o papel que as e os sociólogas/os podem desempenhar na construção de sociedades mais justas, que assegurem o bem-estar dos cidadãos e cidadãs. E, por último, Jeff Hearn, da Universidade Örebro, Suécia, desloca o olhar para o estudo dos homens e das masculinidades, para aí analisar as mudanças nas relações de género e de poder e perspetivar cenários futuros.

A segunda parte (IDENTIDADES, MOVIMENTOS E ESTUDOS FEMINISTAS) inclui três textos e foca-se nas problemáticas da construção identitária, nos movimentos feministas e nos estudos feministas.

No primeiro texto Manuela Tavares, investigadora do CIEG, apresenta-nos um balanço histórico dos feminismos em Portugal e do papel que estes têm desempenhado na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, desde o período da Ditadura do Estado Novo, passando pela Revolução de Abril, até aos dias de hoje — dias marcados por novos desafios e exigências não só do ponto de vista teórico como de relançamento de ativismos.

Adriana Bebiano, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra centra depois a sua reflexão sobre quatro aspetos essenciais. Em primeiro, foca a questão educacional que, do seu ponto de vista, continua a ser uma das prioridades da agenda feminista. Lança também um olhar sobre o lugar interdisciplinar dos estudos feministas e o seu poder (ou a ausência dele) no seio da academia. Em terceiro, reflete sobre as dificuldades de uma *práxis* interdisciplinar, dando como exemplo concreto os estudos feministas desenvolvidos na Universidade de Coimbra. Por fim, questiona alguns dos efeitos perniciosos da “cultura de auditoria” e levanta um conjunto de pertinentes questões em torno da ideia de saber que vidas quererão as feministas (ajudar) a alterar.

Sofia Aboim, do ICS da Universidade de Lisboa, apresenta-nos depois as duas principais tendências teóricas nas abordagens críticas à sexualidade e à justiça de género. Aboim salienta como o problema da justiça sexual e de género se tornou relevante na luta atual da população transexual e transgénero e debruça-se sobre a questão da cidadania de género e das lutas pelos direitos sexuais dos indivíduos trans. Neste contexto, frisa como o ativismo é bem demonstrativo do poder das várias formas de resistência e abre caminho para o reconhecimento da sexualidade e do género como múltiplos. A ênfase neste reconhecimento, argumenta a autora, leva diretamente ao envolvimento numa forma particular de políticas: as políticas da identidade, também muitas vezes designadas como políticas da diferença. Como argumenta, a identidade de uma pessoa torna-se, assim, a base para as políticas e para a justiça.

A terceira parte do livro (GÊNERO E CONSTRUÇÃO DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS) é constituída por três textos que apresentam resultados de diferentes tipos de pesquisa. Sofia Neves, Jackeline Pereira e Joana Torres do ISMAI, Instituto Universitário da Maia, mostram como, do ponto de vista discursivo de jovens portuguesas, pode ser compreendida a violência no namoro. O estudo destas autoras revela a exis-

tência de diferenças, tanto ao nível dos atos como das motivações, em função do sexo de quem pratica e de quem sofre violência.

No texto de Beverley Skeggs, da Goldsmiths, University of London, explora-se o papel que o valor simbólico desempenha no Norte global, em particular no Reino Unido, onde as divisões de classe se estão a intensificar, atingindo em especial as mulheres da classe trabalhadora. Skeggs argumenta que não é possível compreender a classe, o género e a raça sem perceber como as suas fundações morais são estabelecidas através de lutas pelo poder. E, para compreender o funcionamento da moralidade, na ótica da autora, é necessário focarmo-nos no julgamento, na autoridade e na legitimação e no modo como estes moldam as lutas que possibilitam tornarmo-nos uma pessoa com valor.

Já no campo das questões identitárias, Maria João Cunha, do CIEG, parte da ideia de que, nas sociedades contemporâneas, o corpo se constrói e se constitui como um projeto individual, flexível e adaptável e que as pressões existentes sobre as mulheres, em termos de padrões de beleza homogêneos e normativos, são mais presentes e marcantes do que as que se verificam sobre os homens. A partir desta reflexão, a autora questiona a suposta, ou aparente, liberdade individual na construção identitária feminina e discute a questão da sua sujeição ou agência.

A quarta parte (POLÍTICAS DE IGUALDADE DE GÉNERO EM CONTEXTO NACIONAL E INTERNACIONAL) articula textos que abordam temáticas relacionadas com políticas de igualdade de género no quadro nacional e internacional e no contexto organizacional. Partindo de uma análise crítica às propostas de alteração das licenças parentais, apresentadas pelos diferentes partidos na Assembleia da República, Maria do Céu Cunha Rêgo sublinha a importância de promover a igualdade entre mulheres e homens neste domínio essencial para a formação de estereótipos sobre os papéis de género e a discriminação contra as mulheres.

No plano internacional, Clementina Furtado apresenta-nos uma resenha das políticas para a igualdade de género em Cabo Verde, salientando os avanços alcançados nas últimas décadas mas também os desafios que permanecem. Já Clara Araújo debate as dificuldades de afirmação de uma agenda da igualdade de género, no atual contexto político brasileiro. E Pedro Vasconcelos, articulando identidades e movimentos trans e as alterações nos regimes regulatórios da identidade de género introduzidas em diversos países em contexto europeu, reflete sobre eventuais impactos destas dinâmicas públicas nos critérios socialmente aceites do que é ser homem ou mulher.

Por último, Rosemary Deem focaliza a análise sobre as organizações de ensino superior e, tendo por base a sua experiência pessoal como investigadora do tema e

responsável por cargos de gestão universitária no Reino Unido, retoma as abordagens de Acker (1990; 2006) sobre as organizações genderezadas e de Foss et al. (2013) sobre a falta de apoio nas organizações para implementar ideias apresentadas por mulheres em detrimento das dos homens. Argumenta que é necessário promover a mudança de forma articulada com as circunstâncias locais, partilhando boas-práticas a nível internacional e identificando barreiras comuns e estratégias para ultrapassar os obstáculos.

A quinta e última parte deste volume (CIÊNCIA, GÊNERO E UNIVERSIDADE) reúne textos apresentados na III Conferência do CIEG, dedicada ao mesmo tema. A abrir encontra-se o texto de Maria do Mar Pereira que, retomando resultados da sua investigação de doutoramento e pós-doutoramento sobre o “estatuto epistémico dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas (EMGF) na universidade em Portugal”, argumenta que apesar do progresso no reconhecimento oficial desta área científica ao longo dos últimos anos, os EMGF permanecem retratados como uma área de menor valor e credibilidade.

Prosseguindo esta análise a um outro nível, Rosemary Deem debruça-se sobre a “universidade genderezada” na era da austeridade, desenvolvendo um estudo comparativo entre Portugal e o Reino Unido. A autora concluiu que sendo certo que a austeridade não criou a desigualdade de género no sistema de educação superior nestes países exacerbou-a, num contexto de escassez de empregos, em que o setor público se encontra em forte contração (afetando com isso um grande número de mulheres, já que elas constituem a maioria de trabalhadores/as desse setor) e as mulheres são cada vez mais sobrecarregadas com tarefas de cuidados, anteriormente assumidas por um estado social mais generoso. É pois necessário manter a vigilância, até porque recentes fenómenos de laddishness, uma forma perversa e sexista de viver a masculinidade, podem ameaçar os progressos alcançados em termos de igualdade de género na universidade.

O livro fecha com o texto de Alzira Rodrigues que aborda a temática da igualdade de género na jovem universidade de São Tomé e Príncipe, onde as disparidades entre os sexos se vão esbatendo ao nível das licenciaturas, sugerindo um caminho de progresso e incremento da presença feminina no sistema educativo são-tomense em geral, e em particular na universidade.

No seu conjunto, estes textos dão conta dos avanços conseguidos nas últimas décadas na promoção da igualdade de género e na afirmação dos direitos humanos de homens e mulheres, nas sociedades contemporâneas. Mas lembram também que tais avanços são sempre precários, problemáticos e instáveis, e que o caminho reverso

se mantém como uma possibilidade, particularmente em tempos de austeridade e de expansão do projeto neoliberal.

A investigação sistemática destes temas torna-se assim contributo indispensável para a análise crítica e desconstrução dos processos que criam, reproduzem e sustentam a construção das identidades e das desigualdades de género no quotidiano de muitos homens e mulheres. Foi também esse contributo e compromisso que o CIEG assumiu com a realização do I Congresso Internacional, que atualiza em cada iniciativa que organiza, e que renova agora com a edição desta publicação.

Breve nota sobre o I Congresso Internacional do CIEG

O I Congresso Internacional do CIEG que decorreu no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, de 25 a 27 de maio de 2016, constituiu um evento marcante no plano nacional e internacional para os Estudos de Género. Sob o tema “Estudos de Género em debate: Percursos, desafios e olhares interdisciplinares”, reuniu um total de 270 participantes, 40 de Portugal e 230 de outros países: 135 da Europa, 45 da América Latina e 50 de diversos países na América do Norte, África, Ásia e Austrália.

O encontro desdobrou-se em múltiplas atividades. Ao longo de três intensos dias de trabalho tiveram lugar três sessões plenárias e seis semiplenárias, três mesas redondas plenárias e 47 sessões paralelas, que permitiram abordar um conjunto muito alargado de temas relevantes e atuais na área dos Estudos de Género, Feministas e sobre as Mulheres, cruzando olhares disciplinares e perspetivas nacionais e internacionais.

Entre o conjunto de distintas/os investigadoras e investigadores presentes neste Congresso destacam-se as participações de três *keynote speakers*: a Professora Margaret Abraham, da Universidade Hofstra, Nova Iorque, Estados Unidos da América e Presidente da Associação Internacional de Sociologia (ISA), com o tema *Making a Difference: Addressing Gendered and Intersectional Violence*; o Professor Jeff Hearn, da Universidade Örebro, Suécia, com uma intervenção intitulada *On men, masculinities and gender power relations: A one-way transversal dialogue with myself around some pathways, challenges and interdisciplinary perspective*; e a Professora Miriam Grossi, da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil que dissertou sobre a temática dos *Estudos de Género e Militância Académica Feminista no Brasil Contemporâneo*.

A organização de mesas redondas plenárias teve por finalidade estabelecer um diálogo científico e interdisciplinar em torno de temáticas centrais para os Estudos

de Género, Feministas e sobre as Mulheres. Nelas participaram investigadoras e investigadores, nacionais e internacionais, de reconhecido mérito nas diferentes áreas. Os debates foram muito vivos com intensa participação da assistência.

Foram três os temas abordados. O primeiro *Reflexões críticas sobre desigualdades de género*, teve a participação de Beverley Skeggs, Goldsmiths, University of London, Maria do Mar Pereira, University of Warwick e Anália Torres, CIEG, ISCSP-ULisboa, como comentadora.

Na segunda mesa sobre *Violência de género: conquistas, obstáculos e desafios*, participaram Manuel Lisboa, FCHS, Universidade Nova de Lisboa, Maria José Magalhães, FPCE, Universidade do Porto, e Sofia Neves, ISMAI, Instituto Universitário da Maia.

O terceiro tema de mesas redondas foi *Género, direitos humanos, feminismos e direitos LGBTQIA* e contou com o contributo de Miguel Vale de Almeida, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa, Teresa Pizarro Beleza, Faculdade de Direito, Universidade Nova de Lisboa e Sofia Aboim, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

Já as seis sessões semiplenárias focalizaram-se na análise de questões específicas, sempre a partir de uma lente de género. Foi também longa a lista de académicos/as e especialistas envolvidos/as nestas sessões.

O tema *Estudos de género e feminismos no sul da Europa* contou com Constanza Tobío Soler, Universidad Carlos III de Madrid, Maria do Mar Pereira, University of Warwick e Anne Cova (comentadora), do Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

A questão dos *Direitos, trabalho e família* com Sara Falcão Casaca, ISEG – Lisbon School of Economics & Management, Universidade de Lisboa, Maria do Céu Cunha Rêgo, CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género e Heloísa Perista (comentadora) do CESIS, Centro de Estudos para a Intervenção Social.

O tema *Políticas de igualdade de género: impactos e limites*, foi abordado por Clara Araújo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Virgínia Ferreira, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra e Anália Torres, do CIEG, ISCSP Universidade de Lisboa comentou.

Género, estudos sobre as mulheres e feminismos em português contou com a participação de Clementina Furtado, Centro de Informação e Formação em Género e Família (CIGEF), Universidade de Cabo Verde, Manuela Tavares, CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género e Clara Araújo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

As questões do *Género e educação* foram analisadas por Rosemary Deem, Royal Holloway, University of London, Cristina Vieira, Universidade de Coimbra e comen-

tadas por Adriana Bebiano do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

A temática do *Género e corpo* contou com os contributos de Pedro Vasconcelos, ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, Maria João Cunha, CIEG, ISCSP-ULisboa, e com o comentário de Bernardo Coelho, CIEG, ISCSP-ULisboa. Em grupos já mais restritos, o debate científico prosseguiu ao longo das múltiplas sessões paralelas, organizadas em função das três linhas de investigação que estruturam o CIEG: *Género, feminismos e estudos sobre as mulheres; Políticas, instituições e cidadania*; e, *Género e construção das sociedades contemporâneas*. Um conjunto de comunicações apresentadas nestas sessões paralelas, selecionadas através de revisão anónima por pares, será publicado num outro volume, a editar em breve pelo CIEG.

Esperamos que a leitura do livro seja tão estimulante e enriquecedora como foi para nós o envolvimento nestes três dias inesquecíveis de convívio e aprendizagem, entre seniores e juniores das várias partes do mundo.

ANÁLIA TORRES
PAULA CAMPOS PINTO
CLÁUDIA CASIMIRO